

70 Anos de Desenvolvimento



Era 1943. O mundo encontrava-se em convulsão por causa da 2ª Grande Guerra Mundial. Havia escassez da maioria das matérias-primas essenciais. Faltavam todos os tipos de papéis. Para jornais, suplementos literários, almanaques e revistas que veem a sua circulação ser reduzida drasticamente. Faltavam papéis para

embrulhos de compras e confecção de caixas, pacotes e recipientes para os raros produtos industrializados. Faltava cortiça para a indústria farmacêutica e de bebidas.

Este era o panorama em Minas Gerais e no Brasil, quando alguns poucos pioneiros abnegados e altruístas resolveram se congregar para a fundação do Sinpacel, que na época acolhia também as raras indústrias que se dedicavam à transformação da cortiça.

Juiz de Fora e região, conhecida na época como a Manchester Mineira, numa comparação com a cidade Inglesa - cenário central da evolução da indústria na Inglaterra - abrigava já desde o início do século XX indústrias que se dedicavam à reciclagem de papéis e papelão massa, apoiadas na eletrificação pioneira da região da Zona da Mata, berço da primeira usina hidrelétrica do Brasil.

Belo Horizonte, a jovem capital do Estado, com o aumento crescente e extrapolado de sua população e do consumo de bens e gêneros em geral, passou a gerar sobras de papéis em quantidade que justificasse a implantação aqui de uma moderna fábrica de reciclagem de papéis. Surgiu daí a Fábrica de Papel Cruzeiro, que muito embora não tenha sido a pioneira na atividade na nossa capital, foi o primeiro grande e o mais moderno parque fabril para reciclagem de aparas e papéis velhos da cidade.

Durante a metade do século passado, foram pipocando novas fábricas por todo o interior do Estado, aproveitando a geração de aparas e papéis velhos no entorno das cidades, o que com a economia propiciada no transporte da matéria-prima, ajudou a viabilizar esses empreendimentos como fornecedores locais de variados tipos de papéis, notadamente para embalagens.

Como o clima mineiro não era propício (e em grande parte não o é) para a plantação extensiva de espécies de árvores que se desenvolvem melhor sob temperaturas baixas, das quais se extraem a celulose de fibra longa, como o Pinus Elliottis, Taedra e Acácia e, portanto, não havia como ressuprir a cadeia de fornecimento de fibras longas às indústrias produtoras de papéis, principalmente para embalagem, Minas fez do seu ovo um belo omelete ao se transformar no segundo maior e mais importante

polo de fabricação de papéis reciclados do Brasil atraindo aparas e papéis velhos além das suas fronteiras.

Dessa estratégia natural surgiram expoentes em várias localidades de Minas Gerais. Santher em Governador Valadares, Sanovo, em Montes Claros, INPA, em Pirapetinga e Uberaba, São Roberto-Irani, em Santa Luzia, Paraibuna, em Juiz de Fora, Irmãos Siqueira, em Passa Quatro, Tocantins, em Camanducaia e Ponte Nova, Klabin, em Betim, e Bom Pastor em Divinópolis, dentre algumas outras indústrias instaladas em nosso Estado.

Na década de 60, estudos conduzidos por organismos de fomento, apoio e pesquisa do Estado de Minas Gerais, detectaram uma região propícia para abrigar um grande projeto de reforestamento para fins de produção de celulose de fibra curta. Para o projeto se realizar faltava atrair uma planta de transformação da madeira em celulose. E a conjunção natural para o Estado de Minas Gerais foi um acordo com um grupo Japonês para a constituição de um empreendimento, numa região onde Minas já estava consagrando um modelo de negócio similar, em parceria com capitais e tecnologia Nipônicos na área de siderurgia. Nascia assim a Celulose Nipo Brasileira-CENIBRA em Belo Oriente, ao lado da USIMINAS, em Ipatinga, ambas no industrializado Vale do Aço.

As décadas seguintes, acompanhando as vicissitudes da economia brasileira, viram algumas companhias antigas encerrarem as suas atividades por obsolescência ou impropriedade funcional, compensadas no todo pela abertura de novas e modernas indústrias capacitadas a atender às suas clientelas com qualidade assegurada e custos competitivos.

Emblemática da luta de todo o setor e do comportamento empreendedor e visionário do industrial mineiro é a implantação do Condomínio Industrial do Papel em Lagoa Santa-MG, que finalmente, a despeito do parco apoio oficial, vem sendo erigido lenta e firmemente por capitais dos empresários do setor, numa das melhores localidades industriais do Estado, devendo se tornar em breve uma referência setorial.

Este sindicato, expressão da vontade, das necessidades e dos sonhos de todos os industriais e suas famílias aqui congregados, hoje mais que nunca, representa há 70 anos o melhor dos atributos e fibra da nossa gente, quando se mete a fazer um bom papel na vida.

Esperamos que os próximos 70 anos do Sinpapel sejam vivenciados pelos seus Associados com a mesma garra e o mesmo propósito de união e progresso, num país que esperamos que seja mais desenvolvido, justo e fraterno.

Antônio Eduardo Baggio
Presidente